

RESENHA DE OBRA

Uma forma didática para combater o racismo

Arthur Marques de Oliveira¹

RIBEIRO, DJAMILA. *PEQUENO MANUAL ANTIRRACISTA*. SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2019. 136P.

A razão e a importância da organização da obra aqui resenhada é apresentar e refletir formas de como combater o racismo estrutural que está enraizado no cotidiano da realidade brasileira. A autoria do livro é de Djamila Taís Ribeiro dos Santos que é uma filósofa, feminista negra, escritora e acadêmica brasileira. Atualmente, a autora supracitada é pesquisadora e mestra em Filosofia Política pela Universidade Federal de São Paulo e colunista do jornal Folha de São Paulo. A obra fora dividida em onze lições intituladas, respectivamente: “Informe-se sobre o racismo”; “Enxergue a negritude”; “Reconheça os privilégios da branquitude”; “Perceba o racismo internalizado em você”; “Apoie políticas educacionais afirmativas”; “Transforme seu ambiente de trabalho”; “Leia autores negros”; “Questione a cultura que você consome”; “Conheça seus desejos e seus afetos”; “Combata a violência racial”; e “Sejamos todos Antirracistas”.

Nos primeiros três capítulos, pequenos em tamanho, mas enormes em reflexão, existem análises quantitativas e qualitativas sobre a morte da negritude no Brasil. Acredita-se que autora faz uso dessas informações tendo em vista fornecer ao leitor lentes para que ele possa enxergar e refletir sobre a realidade social e o mundo à nossa volta. Com isso, Djamila evoca os estereótipos que são impostos para os indivíduos desde sua infância e que são tomados como verdade absoluta, como, por exemplo, o relato da autora dizendo

¹ Mestrando da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MARQUES DE
OLIVEIRA, A.
*Uma forma
didática para
combater o racismo
(resenha de
RIBEIRO, Djamila.
Pequeno manual
antirracista)*

que não via problema em ser negra e se sentia amada por aqueles com quem convivia, até ter seu primeiro contato em uma instituição da sociedade entrando na escola, com 6 anos. A autora traz alguns xingamentos (a título de exemplo) dirigidos a ela com apenas 6 anos de idade como: “Neginha do cabelo duro’ e ‘neguinha feia” (RIBEIRO, 2019, p.59) e salienta que o mais preocupante disso é a precocidade com que uma criança sofre essa exposição ao preconceito no ambiente escolar.

Nesse cenário, no decorrer da obra são apresentadas algumas frases e ditados populares, muitos deles com teor racista. Entretanto, muitas vezes os indivíduos não pensam sobre o verdadeiro significado daquela expressão, muitas vezes com conteúdo racista implícito, subentendido e em alguns casos até explícito. Além disso, a autora postula que negros não são “seres inferiores”, e esses buscam apenas uma adequação ao que seria o “normal”, buscando características que os tornará mais próximos da branquitude.

Na esteira dessas ideias, Djamila discute também o quanto adjetivos e negritude são opostos, por exemplo: “[...] não se usa “o branco” para falar de homens brancos – ou elogiar alguém dizendo “negro de alma branca” (RIBEIRO, 2019, p. 52), sem perceber que a frase coloca “ser branco” como característica positiva”. Trazendo essa analogia, a autora mostra que relacionar elogios a pessoas negras também tem outro lado quando se refere às mulheres. Djamila mostra por um viés sócio-histórico, que mulheres negras foram constantemente estupradas pelos senhores de engenho e, com o passar do tempo, uma imagem de “mulher fácil” foi socialmente instaurada, a “negra gostosa que é boa de cama e sabe sambar”. Em outras palavras, as pessoas fazendo uso da língua conseguem ser racistas tanto em expressões como em adjetivos e esse tipo de comportamento, só reforça além do próprio racismo o machismo estrutural ainda presentes na realidade brasileira.

Na metade da obra, no capítulo intitulado *Leia autores negros*, há um convite para a real mudança, a autora faz um apelo para que as pessoas consigam visualizar e se autocriticar em diversas esferas e espaços sociais como no ambiente de trabalho, escola, condomínios etc., além disso, consumir material produzido por autores negros e autoras negras também é um início de mudança. A autora fornece aos leitores uma lista de referências bibliográficas acompanhadas de pequenos resumos de escritores e pesquisadores que ela mesma, Djamila, utilizou para escrever o manual e que acredita que sejam de suma importância para que ocorra a disseminação e aumento de referências negras tanto no âmbito social quanto acadêmico.

No texto *Informe-se sobre o racismo* a autora ressalta que existem diferentes tipos de racismos e que todos compõem o mesmo Sistema Racista e que para entender o racismo no Brasil é preciso diferenciá-lo de outros acontecimentos históricos. Desse modo, a autora defende o não tabu dos episódios e atitudes racistas, pois: “A palavra não pode ser um tabu, pois o racismo está em nós e

nas pessoas que amamos – mais grave é não reconhecer e não combater essa opressão.” (RIBEIRO, 2019, p. 66). Sob essa ótica, faz-se necessário adjetivar e entender o real sentido dos episódios racistas para que se possa enxergar o negro como sujeito e dar início ao processo antirracista.

Em seu escrito intitulado *Combata a violência racial*, Djamila abarca novamente algumas pesquisas quantitativas sobre a questão da segurança pública e número elevado de mortes de pessoas negras no Brasil. A autora salienta que essa “guerra às drogas” é na verdade uma desculpa para a guerra à população negra, pois, dessa forma, haveria uma justificativa para qualquer comportamento policial abusivo sobre a comunidade negra. A autora salienta que:

“é muito triste constatar que, por outro lado, o Brasil é o país onde mais morrem policiais. A maioria deles vem de classe trabalhadora, muitas vezes dos mesmos lugares onde jovens negros estão sendo assassinados. Se a polícia é o braço armado do Estado opressor, é também um dos lados que cai com essa guerra.” (RIBEIRO, 2019, p. 133).

No último capítulo do livro, é possível notar uma forte inspiração nas obras *Sejamos todos feministas* e *Para educar crianças feministas, um manifesto*, da autora nigeriana Chimamanda Ngozie Adichie, que também é negra e feminista. Dessa forma, nas duas obras citadas e na obra aqui resenhada há uma simplicidade na escrita e fluidez para tratar de assuntos cotidianos, muitas vezes esquecidos como, preconceito de gênero, feminismo, racismo, dentre outros; com vistas a mudar as atitudes e pensamento dos indivíduos sobre a organização e atitudes sociais.

236

A obra aqui resenhada, constitui-se em uma valiosa contribuição para a proposição de ações concretas, partindo dos sujeitos de nossa sociedade. Além disso, também é um ótimo livro didático para familiarização do tema sem tom acusatório para quem nunca leu nada sobre racismo. Nesse viés, é indubitável que o processo de desconstrução do indivíduo para questões como o racismo é algo que toma tempo e demanda ações no/do cotidiano.

Vive-se em uma sociedade cada vez mais narcisista e que persiste com casos de discriminações e intolerância, essa obra com seu teor informacional e didático é de extrema relevância para todos os públicos, pois na era da internet, informação e conscientização são sempre as melhores armas contra o preconceito. Cita-se aqui Angela Davis: “Numa sociedade racista, não basta não ser racista. É necessário ser antirracista”. Àqueles que se sentem confortáveis, o livro é um choque de realidade necessário, que irá instigar o leitor para realidades cruéis que grupos estigmatizados vivem diariamente, bem como indicará caminhos para que se insiram na luta, reconhecendo e renunciando a seus privilégios e combatendo desigualdades.

MARQUES DE
OLIVEIRA, A.

*Uma forma
didática para
combater o racismo
(resenha de
RIBEIRO, Djamila.
Pequeno manual
antirracista)*

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Para educar criança feministas, um manifesto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. (Tradução de Denise Bottman).

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. (Tradução de Christina Baum).

RIBEIRO, Djamila. *Pequeno manual antirracista*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2019.